

Economista faz sugestões

São Paulo — A atual conjuntura econômica brasileira não autoriza ninguém a garantir que 1987 será um ano de hiperinflação nem de recessão aguda. A avaliação foi feita ontem pelo economista Marcelo Antinori, professor licenciado da Fundação Getúlio Vargas (FGV) que ressalta, entretanto, que o governo precisa, urgentemente, definir os preços relativos, normalizar o fluxo produtivo, acabar com ameaças de tabelar juros, manter o gatilho salarial, não "inventar" nenhuma nova solução mirabolante para a economia e reduzir gastos públicos via fisco.

A análise de Antinori, que estima um crescimento econômico entre 4% e 5% para este ano, foi referendada, no todo ou em parte, por diversos economistas que debateram as perspectivas econômicas e os efeitos da moratória ontem no Conselho Regional de Economia.

Um pouco mais pessimista que Antinori, o economista Joaquim Eloi Cirne de Toledo, professor da USP, que acredita que o processo recessivo já se iniciou e que este ano o crescimento não

passa de um por cento, defende um acompanhamento rígido da inflação, um controle dos preços estatais e industriais, a manutenção das taxas de juros acima da inflação e uma política de redução do déficit público através de meios fiscais.

Fim do gatilho

Antinori considera, tanto um tabelamento de juros quanto o fim do gatilho salarial uma "insanidade" que seria cometida pelo governo. Ele argumenta que os disparos do gatilho salarial hoje não está prejudicando em nada a intenção do governo, que é reduzir salário real. "Além disso, o fim do gatilho representaria uma deixa para o movimento sindical de flagrar uma greve geral de consequências políticas altamente danosas para um governo que já está com pouco respaldo popular".

Na avaliação do economista da FGV, o governo deve deixar a economia "descansando" por umas 15 semanas. Passado este período ele, que é um homem ligado ao setor público, defende redução na receita tributária como forma de forçar uma igual redução no déficit público.